

Muitas Vidas, Muitos Mestres

BRIAN WEISS

Mais de 1,6 milhão de livros vendidos no Brasil



*A história real de um
famoso psiquiatra, sua jovem
paciente e a descoberta da
terapia de vidas passadas
que mudou suas vidas*

*A Carole, minha mulher, cujo amor
é meu alimento e amparo há mais
tempo do que tenho lembrança.
Juntos estamos, até o fim dos tempos.*

Dedico meu amor e meu agradecimento aos meus filhos Jordan e Amy, que me perdoaram por lhes roubar tanto tempo a fim de escrever este livro.

Agradeço também a Nicole Paskow, por transcrever as fitas gravadas durante as sessões de terapia.

E a Julie Rubin, cujas sugestões editoriais após a leitura do primeiro esboço do livro foram muito valiosas.

Meus sinceros agradecimentos a Barbara Gess, minha editora na Simon & Schuster, por sua perícia e coragem.

Meu profundo apreço a todos os outros, aqui e ali, que tornaram este livro possível.

PREFÁCIO

Sei que para tudo há uma razão. Talvez na hora não tenhamos o discernimento nem a percepção para compreendê-la, porém, com tempo e paciência, ela acaba por se revelar.

Assim foi com Catherine. Eu a vi pela primeira vez em 1980, quando ela estava com 27 anos. Ela veio ao meu consultório buscando ajuda por causa da ansiedade, das crises de pânico e fobias. Embora esses sintomas se manifestassem desde a infância, tinham piorado nos últimos tempos. A cada dia ela se sentia mais paralisada emocionalmente e menos capaz de agir. Estava apavorada e, compreensivelmente, deprimida.

Em contraste com o caos que estava sendo a vida de Catherine na época, a minha fluía suavemente. Eu tinha um casamento estável, dois filhos pequenos e uma carreira em ascensão.

Desde o início minha vida sempre pareceu dar certo. Cresci num lar cheio de amor. O sucesso acadêmico veio com facilidade, e no segundo ano de faculdade eu tinha decidido ser psiquiatra.

Formei-me com louvor na Universidade Columbia, em Nova York, em 1966. Em seguida, fui para a Faculdade de Medicina da Universidade Yale, onde me graduei em 1970. Após um estágio como residente no Centro Médico de Bellevue da Universidade de Nova York, voltei a Yale para completar minha residência em psiquiatria. Ao terminar, aceitei um cargo de professor na Universidade de Pittsburgh. Dois anos depois, ingressei no corpo

docente da Universidade de Miami, chefiando a Divisão de Psicofarmacologia. Lá alcancei reconhecimento nacional nas áreas de psiquiatria biológica e abuso de drogas. Depois de quatro anos, fui promovido a professor adjunto de psiquiatria da Faculdade de Medicina e nomeado chefe da Psiquiatria num grande hospital filiado à universidade, em Miami. Naquela época, já publicara 37 ensaios científicos e capítulos de livros nessa área.

Durante anos de estudo disciplinado, fui treinado para pensar como cientista e médico, amoldando-me aos estreitos caminhos do conservadorismo na minha profissão. Desconfiava de tudo que não se pudesse provar por métodos científicos tradicionais. Sabia dos estudos de parapsicologia que estavam sendo feitos nas principais universidades do país, mas eles não despertavam meu interesse. Pareciam-me muito artificiais.

Então encontrei Catherine. Durante 18 meses utilizei os métodos convencionais de terapia para ajudá-la a superar seus sintomas. Quando nada pareceu funcionar, tentei a hipnose. Numa série de transes hipnóticos, ela recordou-se de fatos ligados a suas “vidas passadas”, que se revelaram a causa do que estava sentindo. Ela pôde também atuar como canal de informação de “entidades espirituais” altamente desenvolvidas, revelando, por meio delas, vários mistérios da vida e da morte. Em apenas alguns meses, os sintomas desapareceram e ela retomou sua vida mais feliz e em paz do que nunca.

Nada em meu passado me preparara para aquilo. Fiquei totalmente surpreso quando essas coisas aconteceram.

Não tenho uma explicação científica para esses fatos. Há muitas coisas acerca da mente humana que se encontram além da nossa compreensão. Talvez, hipnotizada, Catherine tenha sido capaz de focalizar a parte de seu subconsciente que armazenou lembranças reais de vidas passadas, ou, quem sabe, ela tenha acessado aquilo que o psicanalista Carl Jung denominou incons-

ciente coletivo, a fonte de energia que nos cerca e que contém a memória de toda a humanidade.

Os cientistas estão começando a procurar respostas para isso. Enquanto sociedade, temos muito a ganhar com as pesquisas sobre os mistérios da mente, da alma, da continuação da vida após a morte e da influência de vidas passadas no nosso comportamento atual. É óbvio que as ramificações são ilimitadas, principalmente nos campos da medicina, da psiquiatria, da teologia e da filosofia.

A pesquisa científica rigorosa nessa área, contudo, está engatinhando. Há alguns progressos nessas investigações, mas o processo é lento e esbarra na resistência de cientistas e leigos.

Em toda a História, a humanidade tem resistido às mudanças e à aceitação de novas ideias. A tradição histórica está repleta de exemplos. Quando Galileu descobriu as primeiras luas de Júpiter, os astrônomos da época se recusaram a aceitar – e até a olhar – esses satélites, porque a existência deles era incompatível com suas crenças. O mesmo acontece com psiquiatras e outros terapeutas que se recusam a examinar e avaliar o número considerável de provas acerca da sobrevivência, após a morte física, de lembranças de vidas passadas. Seus olhos permanecem firmemente cerrados.

Este livro é a minha pequena contribuição para as pesquisas que estão sendo feitas no campo da parapsicologia, sobretudo no ramo que trata de nossas experiências anteriores ao nascimento e após a morte. Tudo o que está aqui descrito é verdade. Não acrescentei nada, e suprimi apenas as repetições. Alterei ligeiramente a identidade de Catherine para garantir a confidencialidade.

Levei quatro anos para decidir escrever o que aconteceu, quatro anos para reunir coragem e assumir o risco profissional de revelar esses fatos nada ortodoxos.

De repente, uma noite, enquanto tomava banho, me senti compelido a colocar no papel a experiência. Tive uma forte sensação

de que o momento chegara, de que eu não deveria mais guardar o que sabia. Devia dividir com os outros o que aprendi, e não manter em segredo. O conhecimento viera através de Catherine, agora cabia a mim transmiti-lo. Estava consciente de que nenhuma consequência que viesse a enfrentar seria tão arrasadora como a de não compartilhar o conhecimento que eu adquirira sobre a imortalidade e o verdadeiro sentido da vida.

Saí rapidamente do chuveiro e me sentei à mesa, com a pilha de fitas que gravara durante as sessões com Catherine. Nas primeiras horas da madrugada, pensei no meu velho avô húngaro, que morreu quando eu ainda era adolescente. Sempre que lhe dizia que estava com medo de me arriscar, ele carinhosamente me incentivava, repetindo sua expressão preferida: “Diacho, diacho!”

1

A primeira vez que vi Catherine, ela usava um vestido vermelho vivo e folheava nervosamente uma revista na sala de espera do meu consultório. Estava visivelmente sem fôlego. Vinte minutos antes, andava no corredor externo do Departamento de Psiquiatria, de um lado para outro, tentando se convencer a manter seu compromisso e não sair correndo.

Entrei na sala para recebê-la e nos cumprimentamos. Notei que tinha as mãos frias e úmidas, confirmando sua ansiedade. Precizara de dois meses para criar coragem de marcar uma hora comigo, ainda que fosse insistentemente aconselhada a isso por dois médicos da equipe, nos quais confiava. Finalmente, estava ali.

Catherine é uma mulher extraordinariamente atraente, com cabelos louros de comprimento médio e olhos cor de mel. Na época, ela trabalhava como técnica de laboratório no hospital onde eu era chefe da Psiquiatria e ganhava um dinheiro extra como modelo de roupas de banho.

Acompanhei-a até minha sala, indicando-lhe uma cadeira grande de couro depois do sofá. Sentamos um diante do outro, com uma mesa em semicírculo entre nós. Catherine recostou-se na cadeira, calada, sem saber por onde começar. Esperei, preferindo que o início fosse escolha dela, mas, depois de alguns minutos, indaguei sobre seu passado. Naquela primeira consulta começamos a esclarecer quem ela era e por que fora me ver.

Respondendo às minhas perguntas, Catherine revelou a história de sua vida. Era a filha do meio, educada numa família católica conservadora de uma cidadezinha de Massachusetts. O irmão, três anos mais velho, era muito forte e gozava de uma liberdade que nunca lhe permitiram. A irmã mais nova era a preferida dos pais.

Quando começamos a conversar sobre seus sintomas, ela se tornou sensivelmente mais tensa e nervosa. Falava rápido, inclinando-se para a frente e apoiando os cotovelos sobre a mesa. Sua vida sempre fora sobrecarregada de temores. Tinha medo de água, de engasgar, a ponto de não conseguir engolir comprimidos, tinha medo de avião, do escuro e pavor de morrer. Ultimamente, esses medos estavam piorando. Para se sentir segura, dormia dentro do armário embutido do apartamento em que morava. Antes de conseguir pegar no sono, ficava umas duas ou três horas acordada. Ainda assim, o sono era leve e ela acordava várias vezes durante a noite. Os pesadelos e as crises de sonambulismo que haviam atormentado sua infância tinham voltado. Os medos e os sintomas a paralisavam cada vez mais, e a depressão era crescente.

Enquanto ela falava, pude perceber como era profundo o seu sofrimento. Durante anos, eu ajudara pacientes que, como Catherine, viviam a agonia de seus temores, e por isso me senti confiante em poder ajudá-la também. Resolvi que começaríamos investigando sua infância, procurando a origem de seus problemas. Quase sempre esse tipo de abordagem contribui para o alívio da ansiedade. Se fosse necessário e se ela conseguisse engolir alguns comprimidos, eu lhe daria uma leve medicação ansiolítica para ajudar no processo. Esse era o tratamento preconizado pelos manuais para os sintomas de Catherine, e nunca hesitei em usar tranquilizantes ou mesmo medicamentos antidepressivos para tratar casos graves e crônicos de fobia e ansiedade. Hoje, utilizo

esse recurso com mais moderação e só temporariamente, se for o caso. Nenhuma droga pode alcançar as verdadeiras raízes desses sintomas. Minha experiência com Catherine e com outros iguais a ela provou isso. Sei agora que existe a cura e não apenas a supressão ou camuflagem dos sintomas.

Na primeira sessão, procurei gentilmente estimulá-la a voltar à infância. Como ela se lembrava de pouquíssimos fatos daquela época, considerei a possibilidade da hipnoterapia como um possível atalho para vencer essa repressão. Ela não conseguia se lembrar de nenhum momento particularmente traumático de quando era criança que pudesse explicar os temores que lhe assolavam a vida.

À medida que se esforçava, puxando pela memória, fragmentos isolados vinham à tona. Por volta dos 5 anos, entrou em pânico quando alguém a empurrou do trampolim de uma piscina. Ela disse que, antes mesmo do incidente, já não se sentia confortável dentro d'água. Aos 11 anos, a mãe caiu em grave depressão. A estranha atitude de retraimento da mãe em relação à família tornou necessária a ida a um psiquiatra e a consequente terapia com eletrochoques. O tratamento afetou a memória de sua mãe. Catherine ficou assustada, mas disse que não teve mais medo quando a mãe voltou a ser “ela mesma”. O pai tinha um longo histórico de alcoolismo e às vezes o irmão de Catherine tinha que ir buscá-lo no bar da esquina. O consumo cada vez maior de bebidas alcoólicas tornava mais frequentes as brigas com sua mãe, que ficava triste e arredia. Mas Catherine considerava esse padrão familiar aceitável.

As coisas eram melhores fora de casa. Teve namorados no ginásio e se dava muito bem com os amigos, muitos deles conhecidos havia vários anos. Achava difícil, contudo, confiar nas pessoas, principalmente nas que não pertenciam ao seu pequeno círculo de amizades.

Sua religião era simples e sem questionamentos. Fora educada nos moldes da tradição católica e jamais duvidara da veracidade e validade de sua fé. Acreditava que, sendo uma fiel praticante e seguindo corretamente os preceitos religiosos, ganharia o Céu; caso contrário, iria para o Purgatório ou para o Inferno. O Deus patriarcal e seu Filho decidiriam isso. Depois, fiquei sabendo que Catherine não acreditava em reencarnação; na verdade, sabia muito pouco a respeito, embora tivesse lido alguma coisa sobre os hindus. Reencarnação era uma ideia contrária aos conceitos em que fora criada e nos quais acreditava. Jamais lera nem tinha interesse por qualquer literatura metafísica ou ocultista. Estava tranquila na sua crença.

Quando saiu do colégio, Catherine fez mais dois anos de curso técnico e se formou laboratorista. De posse de uma profissão e incentivada pela mudança do irmão para Tampa, conseguiu um emprego em Miami, num hospital-escola filiado à Faculdade de Medicina da Universidade de Miami. Mudou-se na primavera de 1974, aos 21 anos.

A vida na cidade pequena era bem melhor do que em Miami, mas ela estava contente por ter fugido dos problemas familiares.

No primeiro ano na nova cidade, Catherine conheceu Stuart. Casado, judeu, pai de dois filhos, ele era totalmente diferente de qualquer outro homem que conheceria. Era um médico bem-sucedido, forte e agressivo. Apesar da atração irresistível entre os dois, a relação era tempestuosa e difícil. Algo nele mexia com ela, despertando uma paixão que beirava o enfeitiçamento. Na época em que Catherine começou a terapia, seu caso com Stuart já durava seis anos e, apesar de complicado, era ainda bastante intenso. Embora maltratada, furiosa com as mentiras, as promessas não cumpridas e as manipulações, Catherine não conseguia resistir a ele.

Vários meses antes da consulta, ela precisara fazer uma cirurgia para a retirada de um nódulo benigno das cordas vocais. A

intensa ansiedade que antecedeu a cirurgia se transformou em pânico quando ela acordou na sala de recuperação. A enfermeira levou horas para conseguir acalmá-la. Após o período de convalescença no hospital, ela procurou o Dr. Edward Poole. Ed era um pediatra muito amável que Catherine conhecera quando trabalhava no hospital. Desde o início ambos sentiram uma forte empatia, que evoluiu para uma grande amizade. Catherine sentia-se à vontade para conversar com ele, falar sobre seus medos, o relacionamento com Stuart e a impressão de estar perdendo o controle sobre a própria vida. Ele insistiu para que ela marcasse uma consulta comigo. Depois me telefonou para falar de sua indicação, explicando que, por algum motivo, achava que só eu poderia compreender Catherine verdadeiramente, ainda que outros psiquiatras também tivessem ótimas credenciais e fossem hábeis terapeutas. Mas ela não me ligou.

Oito semanas se passaram. No atropelo das minhas tarefas como chefe do Departamento de Psiquiatria, esqueci do telefonema de Ed. Os medos e as fobias de Catherine pioraram. O Dr. Frank Acker, chefe do Departamento de Cirurgia, conhecia Catherine havia anos e sempre brincava com ela quando visitava o laboratório onde ela trabalhava. Ele notou sua infelicidade e tensão. Várias vezes quis lhe dizer alguma coisa, mas hesitou. Uma tarde, indo de carro para um hospital menor, mais afastado, onde daria uma conferência, viu Catherine ao volante, voltando para casa, e, impulsivamente, lhe fez sinal para que parasse no acostamento. “Quero que você procure o Dr. Weiss agora!”, gritou ele pela janela. “Sem demora.” Embora os cirurgiões sejam muitas vezes impulsivos, até Frank se surpreendeu com a própria ênfase.

A frequência e a duração dos ataques de pânico e de ansiedade de Catherine cresciam. Ela começou a ter dois pesadelos que se repetiam. Num deles, uma ponte ruía enquanto ela estava passando. Seu carro mergulhava na água; presa dentro dele, ela se

afogava. No segundo sonho, estava fechada num quarto escuro como breu, tropeçava e caía sobre as coisas, incapaz de achar a saída. Finalmente foi me ver.

Quando tive a primeira sessão com Catherine, não pude imaginar que minha vida estava prestes a virar de cabeça para baixo, que aquela mulher confusa e assustada do outro lado da mesa seria o catalisador e que eu jamais voltaria a ser o mesmo.

CONHEÇA ALGUNS DESTAQUES DE NOSSO CATÁLOGO

- Augusto Cury: Você é insubstituível (2,8 milhões de livros vendidos), Nunca desista de seus sonhos (2,7 milhões de livros vendidos) e O médico da emoção
- Dale Carnegie: Como fazer amigos e influenciar pessoas (16 milhões de livros vendidos) e Como evitar preocupações e começar a viver
- Brené Brown: A coragem de ser imperfeito – Como aceitar a própria vulnerabilidade e vencer a vergonha (600 mil livros vendidos)
- T. Harv Eker: Os segredos da mente milionária (2 milhões de livros vendidos)
- Gustavo Cerbasi: Casais inteligentes enriquecem juntos (1,2 milhão de livros vendidos) e Como organizar sua vida financeira
- Greg McKeown: Essencialismo – A disciplinada busca por menos (400 mil livros vendidos) e Sem esforço – Torne mais fácil o que é mais importante
- Haemin Sunim: As coisas que você só vê quando desacelera (450 mil livros vendidos) e Amor pelas coisas imperfeitas
- Ana Claudia Quintana Arantes: A morte é um dia que vale a pena viver (400 mil livros vendidos) e Pra vida toda valer a pena viver
- Ichiro Kishimi e Fumitake Koga: A coragem de não agradar – Como se libertar da opinião dos outros (200 mil livros vendidos)
- Simon Sinek: Comece pelo porquê (200 mil livros vendidos) e O jogo infinito
- Robert B. Cialdini: As armas da persuasão (350 mil livros vendidos)
- Eckhart Tolle: O poder do agora (1,2 milhão de livros vendidos)
- Edith Eva Eger: A bailarina de Auschwitz (600 mil livros vendidos)
- Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel: Emocionário – Um guia lúdico para lidar com as emoções (800 mil livros vendidos)
- Nizan Guanaes e Arthur Guerra: Você aguenta ser feliz? – Como cuidar da saúde mental e física para ter qualidade de vida
- Suhas Kshirsagar: Mude seus horários, mude sua vida – Como usar o relógio biológico para perder peso, reduzir o estresse e ter mais saúde e energia

sextante.com.br

